

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE PARINTINS - CESP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ÉRICA CURSINO FERREIRA**

**EDUCADOR E AUTISMO: DESAFIOS FRENTE A INCLUSÃO DE CRIANÇAS  
COM TEA NO CENTRO EDUCACIONAL INFANTIL NO MUNICÍPIO DE  
PARINTINS-AM**

Parintins - Am

2023

**ÉRICA CURSINO FERREIRA**

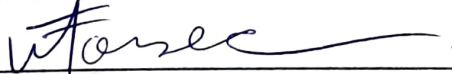
**EDUCADOR E AUTISMO: DESAFIOS FRENTE A INCLUSÃO DE CRIANÇAS  
COM TEA NO CENTRO EDUCACIONAL NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação em Pedagogia pela  
Universidade do Estado do Amazonas  
apresentado como exigência para  
obtenção do grau de Licenciatura em  
Pedagogia.

Orientador (a) Prof. Dr. Maildson Araújo  
Fonseca

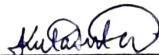
Aprovado em: 30/08/2023

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Maildson Araújo Fonseca**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Prof. DRa. Francisca Keila de Freitas Amoêdo**  
Secretaria Municipal de Educação de Parintins



---

**Prof. MSc. Mariê Augusta de Souza Pinto**  
Secretaria Estadual de Educação do Amazonas

*Dedico esse trabalho aos meus pais  
e a minha filha Alicia Gabriela, que  
são minha base de tudo.*

## RESUMO

O presente estudo partiu da ideia de entender como são as estratégias pedagógicas do professor no ensino infantil com aluno com TEA e como ela pode ajudá-lo a superar suas limitações e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. O problema surgiu durante o estágio, quando foi possível perceber a dificuldade de professores em ministrar aulas no ensino infantil para alunos com autismo. Nessas circunstâncias, o objetivo geral é analisar como é a estratégia pedagógica do professor que trabalha com alunos autistas no ensino infantil em uma escola na cidade de Parintins. Tem como objetivos específicos verificar o que os autores revelam a respeito do autismo, averiguar como vem sendo realizado o trabalho com os alunos autista e descrever quais métodos utilizados na educação infantil, pelo professor em sala de aula. Como aportes teóricos sobre a estratégia pedagógica na perspectiva do aluno com TEA, baseou-se nas literaturas de Cunha (2017; 2020), Franco (2011), Gaiato (2018), Guerra (2021), entre outros. É um trabalho de caráter qualitativo, um estudo de caso com tendência analítica, a metodologia consiste na observação participante acerca das estratégias didático-pedagógicas das professoras aplicadas em sala de aula com aluno autista, do comportamento do aluno em resposta às aulas ministradas pelas docentes e nas entrevistas com as professoras para descobrir como pensam, agem e realizam a sua prática pedagógica, bem com os desafios enfrentados no ensino inclusivo do aluno com TEA. O trabalho nos possibilitou constatar os fatores primordiais que dificultam o processo de inclusão e ensino aprendizagem, que são eles, falta de capacitação adequada, falta de recurso didático e materiais apropriados. Conclui-se que os desafios dos educadores são muitos nessa perspectiva, o que requer formação específica e continuada para a fundamentação de uma prática pedagógica adequada para o ensino-aprendizagem do aluno com TEA, de modo que ele tenha a chance de se desenvolver cognitivamente e socialmente com os demais alunos.

**Palavra-chave:** Alunos. Estratégias. Formação. Inclusão.

## **ABSTRACT**

The present study started from the idea of understanding the pedagogical strategy of the kindergarten teacher with a student with ASD and how it can help him to overcome his limitations and difficulties in the teaching-learning process. The problem arose during the internship, when it was possible to perceive the difficulty of teachers in teaching classes in early childhood education for students with autism. And the questions arose. In these circumstances, the general objective is to analyze the pedagogical strategy of the teacher who works with autistic students in kindergarten in a school in the city of Parintins. Its specific objectives are to verify what the authors reveal about autism, to find out how the work with autistic children has been carried out and to describe which methods are used in early childhood education by the teacher in the classroom. As theoretical contributions on the pedagogical strategy from the perspective of the student with ASD, it was based on the literature of Cunha (2017; 2020), Franco (2011), Gaiato (2018), Guerra (2021), among others. It is a qualitative work. Its methodology consists of participant observation about the didactic-pedagogical strategies of the teachers applied in the classroom with autistic students, the student's behavior in response to the classes taught by the teachers and interviews with the teachers to discover how they think, act and carry out their pedagogical practice, as well as the challenges faced in the inclusive teaching of students with ASD. The work enabled us to verify the main factors that hinder the inclusion and teaching-learning process, which are, lack of adequate training, lack of didactic resources and appropriate materials. It is concluded that the teacher's challenges are many in this perspective, which requires specific and continuous training for the foundation of an adequate pedagogical practice for the teaching-learning of the student with ASD, so that he has the chance to develop cognitively and socially with other students.

**Keyword:** Student with Autistic Spectrum. Inclusion. Strategies.

## LISTA DE TABELA

TABELA 1: Formação e tempo de atuação na escola .....	35
TABELA 2: Os desafios dos professores no processo de inclusão .....	36
TABELA 3: As estratégias pedagógicas das professoras em sala de aula .....	38
TABELA 4: Quais ações podem ser realizadas para melhorar o atendimento e a inclusão dos alunos com TEA .....	41
TABELA 5: Avaliação da prática pedagógica das professoras .....	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>AUTISMO E DESAFIOS</b>	11
1.1 Autismo: Definições e Etiologia	11
1.1.1 Etiologia	13
1.2 Políticas Públicas	14
1.2.2 Lei Berenice Piana	15
1.3 Educação Inclusiva do aluno com TEA	16
1.4 Intervenções	21
1.5 Desafios e possibilidades no ensino e aprendizagem	23
<b>2. CAMINHO DA PESQUISA</b>	29
2.1 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	29
<b>3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS</b>	32
3.1 O cotidiano escolar	32
3.2. As estratégias pedagógicas no trabalho com estudante autista	35
<b>CONSIDERAÇÕES</b>	47
<b>REFERÊNCIAS</b>	49

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é resultado de um processo investigativo desenvolvido no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA. Com um tema relevante pois trata da questão da inclusão da criança com autismo na escola.

O interesse por essa temática surgiu a partir do crescimento do número de crianças autista atualmente. A partir de então surgiram vários questionamentos dando origem ao problema desta pesquisa: como os professores vêm desenvolvendo as estratégias metodológicas para os alunos autista incluso na educação infantil?

A pesquisa tem como cenário um centro educacional infantil no município de Parintins - AM. Foi realizado no período de fevereiro a abril de 2023, o objetivo geral desta é pesquisar as estratégias metodológicas utilizadas no processo de inclusão dos alunos autista pelos professores. Os objetivos específicos foram: a) Verificar o que os autores revelam a respeito das crianças com autismo; b) averiguar como vem sendo realizado o trabalho com as crianças autistas na educação infantil; c) Descrever quais métodos utilizados na educação infantil pelo professor em sala de aula para trabalhar com as crianças com autismo.

Para responder nossas indagações delineamos as seguintes questões norteadoras: O que os estudos revelam a respeito do processo de inclusão das crianças com autismo? Como vem sendo trabalhado com as crianças autista? Quais os métodos utilizados na educação infantil para incluir as crianças autista?

Sendo assim, espera-se que o estudo desenvolvido ofereça uma base para orientações de docentes e leigos que buscam um caminho que corrobora para o processo de inclusão ensino/aprendizagem de alunos com TEA.

Com o passar dos anos percebe-se o aumento do número de pessoas com autismo, o que reflete no número desses indivíduos nas escolas. Conseqüentemente, esta deve se adequar às condições destes, principalmente nas ações pedagógicas específicas para esta temática. É importante que os educadores tenham uma base teórica acerca do autismo, a fim de se consolidar uma prática inclusiva em sala de aula. No entanto, os professores não são os únicos responsáveis pela inclusão, mas o papel dos professores é um dos pilares centrais nesse processo

Este trabalho está dividido em três capítulos: No primeiro capítulo abordaremos o tema “Autismo e desafios” com os tópicos sobre conceito e etiologia; que contou com os escritos, Pereira (1996); Assumpção (2000), Cunha (2017) entre outros, delineando sobre os conceitos, abordaremos também de forma resumida sobre as leis que garante os direitos do aluno autista referente a educação especial, sobre os aposte de Brasil (2008;2015). Para tratar sobre “intervenção”, foi utilizado os autores Guerra (2009), Bosa (2006; 2012), entre outros, os métodos citados foram PECS, o TEACCH e o ABA que são programas individualizados que utilizam de sistema de sinais como comunicação alternativa, recursos visuais e concretos, quadros de rotinas e métodos comportamentais. No tópico “Educação Inclusiva do aluno com TEA”, foram trazidos para o debate os teóricos como: Bosa (2012); Suplino (2009); Gaiato (2018); Cunha (2014) entre outros. O último tópico do primeiro capítulo, vamos abordar o “Desafios e possibilidades no ensino e aprendizagem” com os autores Vygotsky (2008); Gadotti (2007); Cunha (2014;2020) entre outros.

No segundo capítulo, apresentamos o caminho percorrido para alcançar nossos objetivos, sobre os aportes teóricos de Yin (2001); Creswell (2003); Lakatos (2003), entre outros. O estudo foi realizado por meio pesquisa qualitativa, um estudo de caso com tendencia analítica, o que possibilitou a observação e entrevista para a coleta de dados, sobre os sujeitos e objeto na nossa pesquisa.

No terceiro capítulo: Análise e discussão dos resultados, que tem como tópicos “O cotidiano escolar”, com a análise da observação no contexto escolar; e “As estratégias pedagógicas no trabalho com estudante autista”, que refere à análise das entrevistas com as professoras.

As contribuições no âmbito social dessa pesquisa é a necessidade que todos compreendam e aceitem a diversidade humana, de modo que possam contribuir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. E no que se refere ao processo de educação, entende-se que a pesquisa possibilita especialmente na educação infantil, conhecimento na área e na perspectiva da inclusão escolar, portanto, os estudos relacionados à aprendizagem de crianças autistas são importantes, o educador deve trabalhar de forma consistente, pois não existe uma receita, nada pronto, que seria garantia de sucesso ou que seria adequado para todos.

## **CAPÍTULO I: AUTISMO E DESAFIOS**

O objetivo deste capítulo é discutir, com base nos autores, sobre o transtorno do espectro autista, devido à complexidade de sua etiologia, diagnóstico e tratamento, principalmente no processo de ensino e aprendizagem.

### **1.1 AUTISMO: DEFINIÇÕES E ETIOLOGIA**

Historicamente o autismo mostra seus primeiros sinais em 1911, empregado por Eugen Bleuler, um psiquiatra suíço que tinha interesse em descrever o processo de fuga da realidade e o funcionamento interior dos pacientes esquizofrênicos, como afirma Cunha (2017).

O Transtorno do Espectro do Autismo vem sendo estudado desde a década de 1940 por diversos autores entre eles Kanner (1943), Hans Asperger (1944), Lorna Wing (1960). Gradualmente vem sendo foco de pesquisa nos dias atuais, por considerar que ainda há muito trabalho a fazer, no sentido de sensibilizar e informar a comunidade acerca desse distúrbio do desenvolvimento humano.

Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner descreveu o autismo como “distúrbios autísticos do contacto afetivo”, referindo-se que a uma condição caracterizada por autismo extremo, obsessões, estereótipos e ecolalia. Esse conjunto de sinais foi por ele sinalizado como uma doença específica vindo de fenômenos ligados à esquizofrenia (ASSUMPÇÃO, 2000)

Em 1944, o pediatra Hans Asperger apresentou um artigo sobre a definição do transtorno, que ele chamou de "psicopatia autística", que se manifestava como um grave comprometimento da comunicação social, dificuldades na fala, movimento motor descoordenado, e com maior incidência no sexo masculino (TAMANHA, 2015)

Percebe-se à grande complexidade e indagações sobre o autismo, o termo passou por várias alterações ao longo do tempo, até ser denominado de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM (CUNHA, 2017).

Segundo DSM-V (2013)

O Transtorno do Espectro do Autismo é um transtorno do desenvolvimento neurológico, e deve estar presente desde o nascimento ou começo da infância, mas pode não ser detectado antes, por conta das demandas sociais mínimas na mais tenra infância, e do intenso apoio dos pais nos primeiros anos de vida. Os

sintomas estão geralmente relacionados às dificuldades de comunicação e de interação com os outros e com o ambiente vivido.

Essa deficiência que vem se tornando cada vez mais comum na atualidade, dificilmente é identificada antes dos três anos, os sintomas não são claros antes desta fase, geralmente são caracterizados por: ausência de fala, intolerância a sons e dificuldade de socializar. Mas não devemos se concentra nas dificuldades, mas sim com a ampliação de novos horizontes, novas oportunidades de conhecimento, compreendendo o sujeito como ser social e explorando horizontes evolutivos.

É necessário fazer um teste diagnóstico para que o processo de tratamento seja logo inserido no cotidiano da criança, considerando as características individuais de cada sujeito bem como suas necessidades específicas. Em alguns casos, medicamentos são indicados para o tratamento, e outros medicamentos acabam sendo prejudiciais ao desenvolvimento da criança, como por exemplo, o MSM (Mineral Miracle solution). Em 2018, a Anvisa proibiu a fabricação, distribuição e comercialização do MSM para cura do autismo ou outras indicações para a saúde, enfatizando que o dióxido de cloro não é reconhecido como apropriado para fins terapêuticos.

As conceituações sobre o autismo seguidas na comunidade médica e na comunidade educacional, permeiam os manuais de doenças existentes na área médica. A definição encontrada no DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) é que o Transtorno Autista incide na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal nas habilidades, atividades e interesses sociais e de comunicação muito limitada. As manifestações do transtorno variam, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do sujeito.

Na definição encontrada na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) é sobre o Autismo infantil: Transtorno global do desenvolvimento caracterizado por: a) um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e b) apresentando característica do funcionamento em cada uma das três áreas seguintes: interação social, comunicação, concentração e comportamentos repetitivos. O transtorno acompanha-se frequentemente das manifestações específicas como: fobia, perturbação de sono ou da alimentação e crises de agressividade.

Segundo Cunha (2017), os sinais podem aparecer logo nos primeiros meses de vida, mas se tornam mais evidentes por volta dos três anos de idade. O transtorno é tão complexo que não há uma fórmula mágica que determine como ele se manifesta em cada pessoa. Os sintomas variam de indivíduo para indivíduo, o que torna difícil um diagnóstico rápido e preciso

Os transtornos do espectro autista têm muita individualidade, como por exemplo, cada criança autista tem seu modo diferentes das outras, em algumas são presentes características semelhantes, como por exemplo, o isolamento social, brincadeiras solitárias.

Em tese, o autismo pode ser classificado conforme o grau de dependência, podendo ser considerado como: nível 1 (Autismo leve), nível 2 (Moderado) e nível 3 (severo). Desta forma, no autismo leve, a criança apresenta poucos sintomas, que podem muitas vezes passar despercebidos, já no moderado e severo a intensidade dos sintomas se tornam maiores.

A nova atualização da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID 11, segue o que foi proposto no DSM-V, e passa a adotar a nomenclatura Transtorno do Espectro do Autismo para englobar todos os diagnósticos anteriormente classificados como Transtorno Global do Desenvolvimento. Segundo a OMS, a intenção dessa alteração é a de facilitar o diagnóstico, evitar erros e simplificar a codificação, promovendo melhor acesso aos serviços de saúde.

De acordo com Pereira (1996) o diagnóstico pode ser entendido como um sistema de classificação comportamental, presumida da avaliação de conjuntos de comportamentos específicos à cada indivíduo com manifestações no percurso histórico de desenvolvimento ao longo de toda a vida de cada ser, história essa “que pressupõe toda a individualidade que caracteriza esse ser num conjunto de circunstâncias altamente específicas que ele esteve ou está sujeito” (PEREIRA, 1996, p. 40). Portanto, para ser diagnosticada com autismo, a criança deve ter problemas sociais significativos, problemas de comunicação e problemas comportamentais anormais e repetitivos.

### **1.1.1 ETIOLOGIA**

A etiologia do transtorno do Espectro do autismo ainda é desconhecida, não se tem uma causa específica para o autismo, mas sim a interação de fatores genéticos

e ambientais. Antigamente, Kanner culpou as mães. Pioneiro no estudo de pessoas com autismo, ele cunhou o termo "mães geladeiras" para mulheres que não tinham afeto a seus bebês recém-nascidos. Segundo ele, essa falta de conexão emocional levava ao autismo, mas isso foi descartado no meio acadêmico no passar dos anos, outra teoria que chegou a ser discutida pelos cientistas, foi de que a vacina Tríplice Viral causaria o autismo nas crianças, mas diversos estudos desconsideraram essa teoria

Acredita-se que uma combinação de influências genéticas e ambientais desempenha um papel importante.

Estudos científicos têm demonstrado que o autismo tende a ocorrer em famílias, o que sugere uma base genética. Pesquisas sugerem que alterações em certos genes podem aumentar a suscetibilidade ao autismo, embora nenhum gene específico tenha sido identificado como sendo responsável por todas as formas de autismo.

Exposição a certos fatores ambientais durante a gravidez e nos primeiros anos de vida também pode influenciar o desenvolvimento do autismo. Alguns estudos sugerem que infecções maternas durante a gestação, complicações durante o parto, exposição a toxinas ou agentes teratogênicos, como certos medicamentos, podem aumentar o risco de desenvolvimento do autismo. No entanto, mais pesquisas são necessárias para entender completamente esses fatores ambientais. Além dos fatores genéticos e ambientais, alguns estudos também sugerem a possibilidade de desequilíbrios químicos no cérebro, problemas no desenvolvimento do sistema imunológico e disfunções no sistema nervoso central estarem envolvidos no autismo

## **1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS**

O artigo 6º da constituição Federal de 1988 estabeleceu que a educação é um direito social no Brasil, e o artigo 205 afirmou que é um direito de todos e uma obrigação do estado e da família. Sendo a educação um direito social e fundamento do pundonor humano, é um direito inatingível, pelo que os indivíduos não podem renunciar deste direito.

A educação no Brasil é regida pela lei de Diretrizes Básicas da Educação, lei 9.394/96, que se divide em educação básica e educação superior. Essa lei reforçou o direito à educação garantido pela Constituição Federal de 1988, estabeleceu

princípios educacionais e responsabilidades nacionais, e estabeleceu responsabilidades entre associação, Estados, Municípios e Distrito Federal.

A Lei nº 13.146 de 2015, promove a inclusão, definindo medidas que incluem o deficiente na sociedade, prezando pela garantia de seus direitos e liberdades fundamentais (BRASIL, 2015).

Quando falamos de inclusão no campo da educação, não podemos esquecer que o conceito de educação inclusiva nasceu em 1994 com a Declaração de Salamanca. Essa declaração expandiu nossa compreensão das necessidades educacionais especiais para incluir não apenas crianças com deficiência, mas também aquelas que, por qualquer motivo, têm dificuldades permanentes ou temporárias na escola. Este quadro inclui crianças que repetem, que foram submetidas a trabalhos forçados fora da escola, que vivem nas ruas, que não podem ir à escola porque não há escola perto de onde moram, que vivem em extrema pobreza ou são desnutridas, que são vítimas de guerra ou conflito armado, que sofrem constante abuso físico, emocional e sexual ou simplesmente faltam à escola por qualquer motivo.

No âmbito nacional, os marcos garantem os direitos mais importantes das mulheres pessoas com deficiência são: a Constituição Federal de 1988 que diz educação especial, preferencialmente na rede regular de ensino; regra básica Crianças e jovens 1990, onde o Estado deve assegurar o atendimento especializado; a Lei de diretrizes e fundamentos da educação nacional 1996, pregando que o apoio pedagógico deve ser assegurado ensino de alunos com necessidades educacionais especiais; Ministério do Programa de Educação Inclusiva Educação 2003, garante o direito de todos à educação formação especial e acessibilidade; Política Nacional de Educação Especial 2008, que é uma política pública muito importante e bem elaborada, esta política propõe uma grande mudança de valores, atitudes e práticas serviços educacionais para atender a todos os alunos sem qualquer discriminação, garantir educação de qualidade. (BRASIL, 1990; BRASIL, 2008)

### **1.2.2 LEI BERENICE PIANA**

De acordo com a lei nº 12.764/2, os autistas são considerados pessoas com deficiência. Portanto, é garantido o direito aos serviços de saúde, com o objetivo de satisfazer plenamente as suas necessidades de saúde e o direito à educação e à formação profissional, demonstrou-se que é de extrema importância reconhecer a

especificidade das pessoas com autismo, pois permite-lhes para receber asserções de políticas e ações destinadas a garantir que as pessoas com autismo participem de atividades sociais em igualdade de condições com os outros.

A lei nº 12.764/12 instituiu a política nacional de proteção dos direitos das pessoas com transtornos do espectro do autismo e garantiu a implantação de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino, além de proporcionar formação inicial e continuada aos professores, para realizar atividades voltadas para a educação inclusiva, visando a inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar e nas relações sociais; incentivar a comunicação inclusive por outros meios; sob assistência educacional especial, têm direito à educação formal; e apoiar os profissionais do sistema de ensino que precisam.

É importante ressaltar que no município de Parintins tem uma Lei Municipal nº 715/2018, denominada Miguel Costa Viana, vai beneficiar alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a garantia do direito de ser acompanhado por um professor especialista em psicopedagogia, educação especial e inclusiva ou atendimento educacional especializado.

Notamos que a legislação promove a inclusão destes alunos, dando-lhes o direito à educação. Também destaca a importância de os professores começarem a pesquisar novas informações sobre TEA para conduzir a pesquisas sobre como tratar alunos com autismo. Compreendendo como ensinar esses alunos de acordo com seus perfis intelectuais. Isso significa que quando os professores incluem alunos com TEA em suas salas de aula, eles devem reconhecer que cada aluno com autismo é diferente e tem diferentes desafios e habilidades. Portanto, é importante incluir métodos alternativos de ensino para esses alunos, introduzindo ajustes pedagógicos que permitam aos professores integrar e interagir a partir de experiências compartilhadas com seus pares. Portanto, além de um trabalho efetivo de integração interativa, garante o trabalho de desenvolvimento social, efetivo e intelectual dos alunos autistas.

### **1.3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ALUNO COM TEA**

Para lidar com o autismo, devemos primeiro entender a educação especial como um método de aprendizagem. Nesse sentido, a educação especial é conceituada como outra forma de educação que reorganiza o espaço físico e o

sistema educacional. Com base nisso, é necessário apresentar estratégias de práticas educativas como procedimentos educativos para remover obstáculos na aprendizagem e contribuir para melhorar a qualidade da aprendizagem de crianças com autismo. Através da inclusão, os grupos de educação especial foram obtendo espaço na instituição educacional e adquirindo seus direitos. Quando não havia regulamentos de educação especial, o ensino regular era padrão, independentemente das necessidades educacionais especiais que os indivíduos pudessem ter e independentemente de quaisquer preocupações sobre o progresso na sala de aula.

A educação inclusiva é uma atividade política, cultural, social e educacional, possibilitando o direito de todos os alunos de estarem juntos, a aprender e participar, sem qualquer forma de discriminação, a inclusão tem como objetivo principal de garantir a qualidade da educação para pessoas, onde alunos com e sem deficiência possam conviver no mesmo ambiente, indistintamente, promovendo assim a aproximação dos alunos.

A escola no Brasil é marcada historicamente pela exclusão e segregação de uma minoria considerada diferente, por questões que envolve aspectos econômicos, políticos, sociais, biológicos, culturais, entre outros, e vê a chance de mudanças a partir da discussão sobre a universalização da educação (CARNEIRO, 2013)

A história da pessoa com deficiência vem desde à Idade Antiga e tem uma trajetória marcada por abandonos, segregação, exclusão e indiferença sobre àqueles que eram considerados diferentes, a luta educacional com os alunos TEA é constante, tornou-se tema de muitos debates sociais atualmente, e a escola tem um papel relevante neste processo por ser um local propício ao desenvolvimento das capacidades individuais, um ambiente instigante para a aprendizagem.

A escola, por ser um ambiente onde as relações sociais acontecem, acaba sendo um lugar propício para a realização do processo de inclusão educacional e social, onde todas as pessoas, de modo geral, possam conviver e aprender coletivamente. “A proposta da inclusão supõe a participação de todos na escola regular, independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural” (Bosa, 2012, p. 316).

Quando defendemos a inclusão, apoiamos leis que nos permitem garantir o direito de todos à educação. Fornecendo o acesso e a permanência nas escolas independentemente de suas necessidades especiais e as instituições educacionais devem garantir e reconhecer este direito. Assim, a instituição de ensino deve se

comprometer em oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorar tanto sua estrutura física quanto a forma de ensinar e aprender. Isso sensibiliza a escola sobre a necessidade de adequabilidade do ambiente escolar e do currículo bem como o desenvolvimento de alternativas metodológicas que respondam às necessidades de cada aluno. Além disso, é necessário investir na capacitação dos profissionais da educação.

Os professores e demais funcionários da escola precisam estar preparados para lidar com as demandas específicas dos alunos autistas, desenvolvendo habilidades de comunicação, empatia e adaptação. A formação continuada é essencial nesse processo, proporcionando aos educadores as ferramentas necessárias para promover a inclusão e o desenvolvimento dos alunos autistas.

A inclusão de alunos autistas também requer o envolvimento de toda a comunidade escolar. É importante que os colegas de classe sejam conscientizados sobre o autismo e incentivados a serem solidários e respeitosos com seus colegas autistas. A diversidade é um valor a ser celebrado, e a convivência com pessoas diferentes contribui para a formação de indivíduos mais empáticos e tolerantes.

Além disso, é fundamental que as famílias sejam parceiras nesse processo de inclusão. Os pais e responsáveis pelos alunos autistas devem ser ouvidos e envolvidos nas decisões relacionadas à educação de seus filhos, compartilhando informações e experiências que possam contribuir para o sucesso escolar.

A inclusão de alunos autistas nas escolas é um desafio, mas também uma oportunidade de promover uma educação mais inclusiva e igualitária. Ao garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas diferenças, estamos construindo uma sociedade mais justa e respeitosa. Portanto, é fundamental que todos os envolvidos na educação se unam em prol da inclusão, buscando sempre novas formas de promover o desenvolvimento e a felicidade de todos os alunos.

De acordo com Suplino (2009, p. 2), “para que o acesso esteja garantido, torna-se necessário assegurar a permanência com qualidade”. Diante disso, é essencial focar nos potenciais de cada aluno, é necessário que o educador transmita confiança e segurança para que ele possa aprender de forma significativa.

Nesse sentido, o corpo docente deve buscar capacitação que o auxilie em seu atendimento e, assim, prepará-lo para receber as crianças e jovens previstos na legislação sobre educação especial. Assim, os professores, como parte de sua

formação, devem oferecer aos alunos, principalmente aos alunos com TEA, ensino e aprendizagem de qualidade.

Segundo Costa (2006, p. 233), “o olhar com o qual Vygotsky nos propõe examinar as possíveis limitações dessas crianças não é de complacência ou desânimo, mas sim de uma visão dialética do real, que leve em constatação de que, se existem problemas, existem também possibilidade”. Nesse caso o professor tendo conhecimento das necessidades do aluno, poderá buscar práticas que facilitem o desenvolvimento e o ensino da criança autista. E ao se deparar com esses alunos em sala de aula devemos pensar na importância de os professores trabalharem juntos para ajudá-los.

De acordo com a Declaração de Salamanca, para fazer a inclusão é necessário:

Cada escola deve ser uma comunidade, conjuntamente responsável pelo sucesso ou insucesso de cada aluno. É a equipe pedagógica mais do que o professor individual, que se encarregará da educação das crianças com necessidades especiais, convidando, também, os pais e voluntários a desempenharem um papel ativo no trabalho da escola. Os professores exercem, no entanto, ação fundamental como gestores do processo educativo, apoiando os alunos na utilização de todos os recursos disponíveis, quer dentro quer fora da sala de aula. (DECLARAÇÃO DA SALAMANCA, 1994, p.22-24)

A educação é um direito fundamental de todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças. Por isso, é essencial que as escolas estejam preparadas para receber alunos autistas, promovendo a inclusão e garantindo que eles tenham acesso a uma educação de qualidade. Isso requer ações tanto por parte dos educadores quanto da sociedade como um todo.

É importante ressaltar que cada aluno autista é único, com suas próprias necessidades e habilidades. Portanto, é fundamental que as escolas adotem uma abordagem individualizada, buscando compreender e atender às especificidades de cada estudante. Isso pode envolver a adaptação de materiais didáticos, a criação de estratégias de ensino diferenciadas e a promoção de um ambiente acolhedor e inclusivo.

De acordo com Carneiro (2013), a inclusão escolar como direito e garantias fundamenta-se nos seguintes documentos: na Constituição Federal (Brasil, 1988); na

“Declaração mundial de Educação para Todos” de Joimtien (1990); Na “Declaração de Salamanca” (1994) de tema “Educação especial: qualidade e inclusão”; e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB/96).

Essa por sua vez, passa a determinar que a modalidade de Educação Especial deverá ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

Esses documentos serviram de base para a implementação da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Além do direito de acesso ao ensino regular, essa política garante também que alunos alvo da Educação Especial, matriculados na rede regular de ensino recebam assistência do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (Battisti; Heck, 2015).

A sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado) tem por finalidade, oferecer um ambiente inclusivo e acolhedor para alunos com necessidades educacionais especiais. Nessa sala, são desenvolvidas atividades e estratégias pedagógicas específicas para atender as demandas de cada aluno, visando promover seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico. Além disso, a sala do AEE também proporciona suporte aos professores e demais profissionais da escola, oferecendo recursos e orientações para a inclusão e o acesso de todos os alunos ao processo de aprendizagem.

Além disso, o aluno com TEA, têm direito ao acompanhamento especializado, como assegurado no parágrafo único da Lei nº 12.764 de 2012, inciso IV do art. 2º, que trata da proteção dos direitos da pessoa autista.

Segundo Cunha (2014) o Acompanhador Especializado, como o próprio nome indica, é um profissional especializado no assunto ou formado em psicopedagogia educacional, portanto não pode ser qualquer um. Mas aqui no Brasil, a maioria dos profissionais não tem formação compatível com a função que exercem. Usualmente são pessoas que não possuem treinamento, educação ou treinamento especializado.

E isso vai de desacordo com o que a Lei defende, especialmente a Lei nº 9.39 /96 (LDB), segundo a qual os sistemas educacionais garantem.

**Art. 59.** Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

- I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
- III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
- IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;
- V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

É necessário que se cumpra a lei para que os alunos tenha uma aprendizagem adequada e inclusiva, cumpri a legislação é contribuir para promover a igualdade de oportunidade no sistema educacional, ao garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas necessidades, estamos construindo uma sociedade mais inclusiva e garantido que todas os alunos possam alcançar seu potencial.

#### **1.4 INTERVENÇÕES**

Em termos de inclusão, toda a escola deve adaptar-se as necessidades educacionais especiais dos alunos, desde a questão da estrutura físicas até o currículo. Segundo Fonseca (2022, p.149)“ é preciso estabelecer uma nova cultura escolar, mais inclusiva e que reconheça que a diversidade é uma riqueza da humanidade por romper padrões normativos e práticas pedagógicas do tipo tamanho único”. É necessário que se busque possibilidades para uma melhor inserção da criança autista no ambiente escolar, ajudando a desenvolver habilidades de leitura, escrita, e outras competências.

Existem vários tratamentos de intervenção que visam melhorar o intelecto do aluno com TEA. Trata-se de um trabalho multidisciplinar apoiado por diversos especialistas, como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais,

pedagogos, que juntamente com o trabalho escolar promovem significativamente o progresso das crianças autistas (Guerra, 2021).

Para a elaboração de métodos e estratégias de reabilitação e intervenção, pais, docentes, técnicos especialistas e sociedade precisam adentrar no mundo da criança com autismo para compreendê-la a partir da sua perspectiva. Isso quer dizer que “precisam mergulhar em seu universo particular e perceber o mundo da mesma forma que ela o vê” (Silva; Gaiato; Reveles, 2012, p. 9).

Bosa (2006) sugere métodos de comunicação alternativa para se trabalhar com crianças com grandes prejuízos na habilidade de comunicação, como o Sistema de Sinais.

Este sistema baseado em símbolos e sinais usa figuras e imagens como meios para comunicar as necessidades e interesses únicos de crianças com TEA, exigindo menos de suas habilidades cognitivas, de linguagem ou de memória (Bosa, 2006). Um dos métodos mais utilizados neste processo é o PECS (Picture Exchange Communication System). Este sistema facilita tanto a comunicação quanto o entendimento quando a ligação entre a ação/símbolos é estabelecida.

Para Battist e Heck, (2015) esse método é um facilitador da comunicação e da compreensão, uma vez que permite à criança poder se expressar associando a imagem ao que ela deseja.

Segundo Cavaco (2022), o PECS é um método cognitivo-comportamental que faz comunicação por meio de imagens. É uma intervenção intensiva que pode ser implementada tanto em ambientes familiares quanto educacionais, locais onde o comportamento é reforçado.

O uso de imagens e símbolos é uma estratégia de comunicação didática alternativa principalmente para crianças com deficiência de linguagem. O objetivo do método é melhorar a comunicação e a interação social dessas crianças, permitindo que elas desenvolvam um papel mais ativo, independente e participativo no ambiente em que estão inseridas. Portanto, deve ser trabalhado em conjunto com outros métodos que cumpram outras funções de aprendizagem, que incluem conhecimento, aspectos emocionais e comportamento.

Para tanto, deve ser trabalhado em conjunto com outros métodos que atendam as outras funcionalidades de aprendizagem que envolvem a cognição, os aspectos emocionais e de comportamentos.

Outro método muito utilizado é o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*), é um programa bem estruturado que combina vários materiais visuais para melhorar a linguagem, o aprendizado e reduzir comportamentos inadequados. Com a ajuda de várias áreas e pratos coloridos, as crianças são orientadas, por exemplo, para um local adequado a uma determinada hora e na respectiva sequência de atividades durante o dia escolar. Os componentes básicos de construção são adaptados às necessidades individuais e ao perfil de desenvolvimento.

O programa TEACCH visa entender como uma pessoa autista pensa, vive, aprende e responde ao ambiente para promover aprender de forma independente, independente e funcionalidade (Fonseca; Ciola, 2014)

A filosofia do programa TEACCH é o principal objetivo é ajudar a pessoa autista desenvolver da melhor forma máxima autonomia na idade adulta. Na verdade, independência é uma das principais preocupações. A ideia por trás do modelo TEACCH é que quanto menos alguém olha para uma pessoa, melhor para você autonomia e qualidade de vida (Fonseca; Ciola, 2014)

Um outro método conhecido é ABA – (*Applied Behavior Analysis*) ou Análise Aplicada de Comportamento. Esse utiliza o reforço positivo para a eliminação de comportamentos inadequados e corrige os negativos (Cavaco, 2022).

No ambiente escolar, a ABA permite um melhor planejamento de intervenção para a melhoria dos prejuízos do TEA não só na escola, mas também na vida social do indivíduo. Esse método pode promover o desenvolvimento de habilidades sociais, como contato visual, comunicação funcional, além do comportamento acadêmico esperado leitura, escrita e matemática. O ABA trabalha as habilidades que ajudam a pessoa com autismo a desenvolver todo seu potencial.

Estes são apenas alguns dos muitos programas de reabilitação e intervenção que podem ser combinados com métodos de ensino no ensino e aprendizagem de crianças com TEA. E é nessa perspectiva de intervenção que a prática pedagógica do professor se faz necessária, pois ele é um mediador nesse processo.

## **1.5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

O ensino e aprendizagem são aspectos fundamentais na vida de qualquer indivíduo. No entanto, quando se trata de alunos com autismo, esses processos

podem apresentar desafios únicos. O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e interação social, podendo também influenciar a forma como o aluno aprende. Mas, apesar dos desafios, é importante destacar que existem diversas possibilidades para que esses alunos tenham uma experiência educacional enriquecedora.

Segundo Vygotsky (2008, p. 27) em suas teorias refere-se às formas de aprendizagem que contribuem para o desenvolvimento do sujeito através da interação social, que possivelmente pode ajudar em sala de aula, sendo mediado pelos professores, visto que o processo de escolarização quando se trata de crianças autistas, requer profissionalismo, uma intervenção que possibilite o desenvolvimento do sujeito. É necessário que o professor conheça seu aluno, para que possa desenvolver suas práticas pedagógicas, e que levem em consideração que nenhuma criança autista é igual.

Segundo Zanata e Capellini (2013), para desenvolver uma prática que contemple a diversidade é preciso que professores reflitam, sobretudo, acerca do processo de inclusão e das mudanças ocorridas na escola por intermédio dele.

Na perspectiva de uma prática educativa crítica, alguns pontos defendidos por Paulo Freire sobre o professor é justamente assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer tipo de discriminação, refletir criticamente sobre a própria prática, para isso se faz necessário a formação continuada (Gadotti, 2007).

Um dos principais desafios enfrentados pelos professores é a adaptação do currículo e das estratégias de ensino para atender às necessidades específicas dos alunos com autismo. Cada aluno é único, e o que funciona para um pode não funcionar para outro. É necessário um esforço conjunto entre educadores, especialistas e familiares para identificar as melhores práticas e adaptá-las de acordo com as necessidades individuais de cada aluno.

A comunicação é outro aspecto desafiador no ensino de alunos com autismo. Alguns alunos podem apresentar dificuldades na comunicação verbal, enquanto outros podem ter dificuldades na compreensão de linguagem não verbal. Nesses casos, é importante explorar diferentes formas de comunicação, como o uso de imagens, gestos ou sistemas alternativos de comunicação, como a comunicação por meio de dispositivos eletrônicos. Essas estratégias podem ajudar a melhorar a comunicação e facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Outro desafio é a sensibilidade sensorial que muitos alunos com autismo apresentam. Eles podem ser hipersensíveis a estímulos sensoriais, como luzes, sons ou texturas. Essa sensibilidade pode interferir na concentração e no bem-estar do aluno durante as aulas. Nesse caso, é importante criar um ambiente de aprendizagem inclusivo, com ajustes que levem em consideração as necessidades sensoriais do aluno, como a redução de estímulos visuais e sonoros excessivos.

Segundo Franco (2011), a prática pedagógica é o um processo formativo de caráter científico com intencionalidade social. É a prática pedagógica que orienta, esclarece e transforma a práxis educativa para fins sociais e coletivos, acrescenta a autora.

Consequentemente, a prática pedagógica é o alicerce teórico que sustenta a prática docente, assim como a prática é o objeto de pesquisa da prática pedagógica, portanto estão indissociavelmente ligadas. Diante desse pressuposto, fica cada vez mais clara a complexidade da prática pedagógica em lidar com a diversidade no contexto educacional, o que dificulta a inclusão escolar.

Cunha (2015) afirma que, não existem fórmulas milagrosas de práticas pedagógicas no ensino do aluno com TEA, porém, grandes são as possibilidades de construção de conhecimento se o papel social e construtivista da escola for levado em consideração.

Diante disso, ensinar alunos com autismo requer mais do que conteúdo transferível. Deve ser combinado com a realidade que os alunos trazem. Nessa perspectiva, é preciso superar o modelo tradicional de ensino descontextualizado. A escola e os professores, enquanto agentes da sociedade e transformadores da realidade, devem partir de uma abordagem pedagógica construtiva, crítica e reflexiva que retire os professores do centro do processo de ensino e coloque os alunos com TEA.

Orrú (2010), defende o desenvolvimento de práticas pedagógicas do professor no processo ensino-aprendizagem do aluno com TEA, a partir da abordagem histórico-cultural baseada em Vygotsky, a qual acredita que o conhecimento resulta da relação do sujeito com o outro e com o mundo, através da ação mediadora. O ambiente onde as relações sociais acontecem é o mais adequado pois, favorece o desenvolvimento de todos os sujeitos

Apesar dos desafios, é importante ressaltar que existem as possibilidades para promover uma experiência educacional positiva para os alunos com autismo. O uso

de tecnologia, por exemplo, pode ser uma ferramenta valiosa no ensino e aprendizagem desses alunos. Aplicativos e programas de computador podem ajudar a desenvolver habilidades cognitivas, sociais e comunicativas. Além disso, a inclusão de atividades práticas e lúdicas no currículo pode tornar o aprendizado mais atrativo e significativo para esses alunos.

A parceria entre a escola e a família também desempenha um papel fundamental no sucesso do ensino e aprendizagem de alunos com autismo. A troca de informações e experiências entre os pais e educadores pode ajudar a identificar estratégias eficazes e promover uma abordagem consistente tanto em casa quanto na escola. Além disso, a compreensão e o apoio da comunidade escolar são essenciais para criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todos os alunos.

Portanto, o ensino e aprendizagem de alunos com autismo apresentam desafios, mas também oferecem inúmeras possibilidades. Uma rica experiência educacional pode ser fornecida a esses alunos, adaptando o currículo, usando estratégias alternativas de comunicação, criando um ambiente inclusivo e apoiando o lar e a comunidade escolar. Para alunos e educadores, cada desafio superado é uma oportunidade de aprender e crescer.

Em sala de aula o professor mediador que possui alunos com necessidades educacionais como os autistas, vivenciam um desafio e tendem a procurar métodos para facilitar a aprendizagem

Para Cunha (2014):

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (Cunha, 2014, p.68).

É preciso que o professor esteja capacitado para trabalhar em diferentes situações que podem ocorrer dentro de sala de aula, praticando novos métodos de aprendizagem para que os alunos autistas consigam se desenvolver em sala de aula, visto que isso é o grande desafio para ambos, tanto para o mediado como para o aluno. No espaço escolar a prática pedagógica deve acontecer de maneira progressiva, para que não seja desvantajoso a para o aluno com transtorno do espectro autista, pois ele passa a ser visto como o diferente, como aquele que não consegue aprender.

Trabalhar com crianças autistas pode ser um desafio para os professores, mas com os métodos certos, é possível criar um ambiente de aprendizado inclusivo e estimulante. O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e interação social, o que pode dificultar o processo de aprendizagem para essas crianças. No entanto, com as estratégias adequadas, é possível ajudá-las a alcançar seu potencial máximo

Melhorar a autoestima de um aluno pode trazer muitos benefícios em termos de desenvolvimento educacional, pessoal e social. Guerra (2021) mostra que lidar com a autoimagem pode ajudar o aluno a fortalecer e elevar a autoestima e ajudá-lo a construir o caráter, melhorar a autoestima, autonomia, segurança e começar a acreditar no próprio potencial.

Gaiato (2018) sugere aos professores em sua prática pedagógica que façam adaptações de materiais em sala de aula, bem como adaptação curricular em casos muito necessários.

Na adaptação de materiais, é importante deixar claro qual o sentido das atividades, simplificar as folhas, retirar os estímulos secundários, deixando apenas o principal, eliminando aquilo que pode distraí-lo; manter o aluno sentado próximo ao professor para intervir no momento de desatenção; conferir a ele pequenas tarefas rotineiras em sala de aula (Gaiato, 2018). Isso o ajuda adquirir independência e autonomia.

Trabalhar com crianças autistas requer a utilização de métodos específicos que levem em consideração suas necessidades individuais. A criação de rotinas claras, o uso de recursos visuais, a adaptação das atividades, o uso de reforços positivos e a colaboração com os pais são estratégias fundamentais para promover um ambiente inclusivo e de aprendizado efetivo.

O uso de recursos visuais e concretos são essenciais na organização de quadros de rotinas (2021), para dar regras claras, pois o uso de imagens ajuda o estudante com TEA a entender o que se espera dele (Gaiato, 2018).

A utilização dos recursos visuais (ilustrações, fotos, desenhos, vídeos) nas atividades de rotinas para a composição de estágios de tarefa, para que o aluno consiga seguir as instruções e completar as atividades de forma independente (Matos *et al*, 2021). É importante usar materiais de interesse da criança para ensinar, isso ajuda a manter a atenção. Além de tornar a atividade divertida, pode trazer resultados positivos no aprendizado (Gaiato, 2018).

Gaiato (2018) destaca que professores podem retomar conteúdos dados como exercício de memorização e também usar reforçadores positivos como carinho feliz, carimbos, adesivos, elogios. Cada realização do aluno com TEA, ainda que pequena, deve ser elogiada, comemorada, e acima de tudo incentivada, assegura Guerra (2021).

É preciso privilegiar também as relações entre sujeitos, tão importante para o desenvolvimento da linguagem, das capacidades cognitivas e emocionais da pessoa com autismo. Portanto, o professor deve atuar mantendo o diálogo e ação mediadora por meio da interação social em sala de aula com seus alunos, na contextualização histórica de suas relações (Orrú, 2010).

Portanto a estratégia pedagógica do professor no aprendizado escolar do aluno com TEA, é essencial dá condições a ele de desenvolver a sua aprendizagem valorizando e potencializando as suas habilidades. Propor estratégias educativas para garantir a participação dos alunos nas atividades de toda a turma, melhorar a comunicação e a interação social com os seus pares e dar-lhes um sentimento de pertença e inclusão. Explorando atividades divertidas e recursos educacionais projetados para o aprendizado do aluno, tendo em mente os interesses e habilidades dele. Desta forma, também é necessário criar uma ligação emocional entre o professor e o aluno e colocá-lo no centro do próprio processo de conhecimento, o que beneficia o seu método de aprendizagem.

## **2. CAPITULO II: CAMINHO DA PESQUISA**

Durante a realização das pesquisas para fundamentação deste estudo e análise da temática, observou-se a necessidade da abordagem qualitativa, através de um estudo de caso de cunho participativo, por meio de revisão de literatura e análise através do recorte do estado da arte feita no sentido de compreender essa temática.

Para Lüdck e André (2015) a pesquisa qualitativa ocorre no ambiente natural, onde esta é a fonte direta de dados, tendo o pesquisador como principal instrumento da pesquisa, este constitui-se também como um trabalho de campo. Logo é uma pesquisa que nos possibilitou “produzir conhecimento por meio de uma pesquisa sistemática e criar as possibilidades de interpretar o mundo no seu instante de criação” (FRANCO, 2015, p.33).

Creswell (2010, p. 43), define a abordagem qualitativa como um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”.

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que busca analisar o fenômeno em seu contexto real e as variáveis que o influenciam. Segundo Yin (2001, p.32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.”

Para esse estudo utilizamos um estudo de caso analítico, buscando produzir novas teorias que irão ser confrontadas com a teorias que já existiam, proporcionando avanço no conhecimento sobre a temática, onde o objetivo dessa abordagem é analisar como se dá esse fenômeno de acordo com as experiências vivenciadas com os sujeitos da pesquisa, sem deixar de considerar as particularidades de cada caso.

### **2.1 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS**

Sobre as técnicas de pesquisa entende-se como procedimentos que operam e medeiam a prática da pesquisa podendo ser processadas em diferentes metodologias e epistemologias desde que haja compatibilidade entre seus paradigmas (Severino, 2017). Desse modo, na busca de responder os questionamentos e objetivos desta pesquisa, foi utilizado como técnica de coleta de dados a observação em campo e a entrevista semiestruturada, que consiste em um modelo de entrevista flexível, onde o

pesquisador e o entrevistado podem dialogar de forma mais natural e dinâmica, sem seguir um roteiro.

Para compreender e interpretar determinados comportamentos durante a pesquisa de campo na escola, bem como recolher dados dos professores, como forma de complementar as nossas observações, nosso objetivo é criar uma base de conhecimento sobre o assunto e analisar as estratégias do professor voltado para inclusão de alunos com Transtorno de Espectro Autista (TEA). Desse modo, pretende-se compreender como se dá o processo de inclusão das crianças autistas dentro da comunidade escolar, identificando as dificuldades enfrentadas pelo professor nesse processo e analisando os procedimentos adotados, uma vez que lecionam com crianças autistas na educação infantil.

A observação é um mecanismo elementar de investigação de cunho científico bastante utilizado em pesquisa de campo, sendo uma técnica fundamental em sua área de pesquisa (Lakatos; Marconi, 2003). E a observação participante enquanto técnica é muito recomendada pois permite ao pesquisador “apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move” (Mónico et al, 2017, p. 727). As informações sobre a realidade da escola podem ser coletadas por meio das interações cotidianas com os sujeitos da pesquisa, da análise dos fatos ou fenômenos ocorridos e do local de estudo, assim, permitiu-nos identificar fenômenos e desafios na prática pedagógica de alunos com aluno autista.

Quanto a entrevista semiestruturada, Lüdke e André (2015), entendem como uma técnica de entrevista que se projeta através de um esquema simples, sem tanta rigidez, o que permite que o entrevistador faça as adaptações que achar necessárias.

Esse tipo de entrevista é o mais recomendável para a pesquisa no âmbito educacional, devido a sua flexibilidade no método de abordagem, na qual “as informações que se quer obter, e os informantes que se quer constatar [...], são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível” (Lüdke; André, 2015, p. 34). Essa técnica foi essencial durante o desenvolvimento desse estudo, pois a ideia era justamente deixar os entrevistados à vontade e seguros ao responder os questionamentos propostos com total liberdade, sabendo que esse é um assunto do qual muitos professores evitam falar, por se sentirem despreparados profissionalmente. No diário de campo objetivamos registrar todas as práticas desenvolvidas junto aos alunos com espectro autista.

A pesquisa foi realizada no Centro Educacional infantil Aurora no município de Parintins, criado em 1979, com educação especial e pré-escola. Para a realização dessa pesquisa, vamos contar com os colaboradores, sendo eles o professor da sala de aula, sala de recurso e o acompanhante da criança com TEA. A escolha desse CEI se deu em razão pelo fato de atender o que determina a legislação vigente, ou seja, alunos com autismo matriculados.

Na análise dos resultados utilizamos pseudônimos na identificação dos sujeitos da pesquisa. As Professoras são: Ana; Maria; Joana; Valentina.

Durante a entrevista foram feitas 6 (seis) perguntas, destinadas a compreender os fenômenos que compõem a tarefa docente em relação à realidade apresentada, bem como a percepção do professor sobre os desafios e aspirações na tarefa docente, o que leva à reflexão sobre a formação e contribuições de professores para a educação desses alunos, após recebermos as entrevistas iniciamos o processo de análise.

O capítulo seguinte apresentamos a observação participante e a discussão dos resultados a partir de trechos das entrevistas e teóricos que discutem sobre o objeto de estudo.

### **3. CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS**

#### **3.1. O COTIDIANO ESCOLAR**

Durante a pesquisa de campo, tivemos a oportunidade de acompanhar os participantes em sua sala de aula, foram registradas todas as observações entre o mês de fevereiro a abril de 2023. Aqui transcrevemos somente os aspectos mais relevantes do diário. Iniciamos essa pesquisa no início do ano letivo, observamos como foi a inclusão desse aluno e as estratégias que os professores utilizam.

A turma em que foi realizada a pesquisa era composta por 23 alunos. As paredes eram cobertas de faixas e cartazes de todos os tamanhos. Além dos cartazes habituais para aulas de alfabetização, há cartazes de conscientização educacional abrangentes com imagens de crianças com deficiência. Há também imagens que sugerem convenções de sala de aula.

Segundo Gaiato (2018), as tabelas de rotina referem-se ao planejamento e organização da programação diária do aluno em sala de aula. Quando há alunos com TEA na classe, é necessário criar painéis de rotina usando fotos, ilustrações, objetos tangíveis ou palavras para criar interação com o aluno. Esse recurso permite que os alunos visualizem suas rotinas e estruturam melhor seus dias, o que permite aprendizado e autonomia (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

O corpo docente da turma é formado por uma professora titular e uma professora acompanhante. Ela auxilia o aluno TEA nas atividades e nas rotinas dentro da escola.

A aula sempre começava com uma atividade de interação, na qual os alunos se reuniram em uma roda para compartilhar suas experiências do final de semana. Percebi que o aluno com autismo teve dificuldade em participar da conversa em grupo, ele parecia mais confortável ouvindo do que se expressando verbalmente. Quando faziam atividades, a professora (acompanhante) sempre fornecia instruções claras e adaptava o material de acordo com suas necessidades, isso ajudava em algumas vezes a se envolver melhor e participar ativamente das atividades. Durante a aula, observei que o aluno usava a comunicação não-verbal para se expressar, ele sempre usou gestos, expressões faciais e alguns sinais para se comunicar com seus colegas e professora. Foi interessante ver a forma como ele se comunicava e como a professora (acompanhante) entendia seus sinais.

Em determinado momento da aula, o aluno parecia ficar ansioso, isso se manifestava através de movimentos repetitivos das mãos, como bater os dedos na mesa. No início do semestre, houve algumas agressões contra terceiros, principalmente ao acompanhante, essas agressões ocorreram principalmente quando tentavam impor alguns limites. Nessas situações, as crianças ficavam chateadas e às vezes reagem fisicamente atacando o rosto ou mordendo.

Segundo Gaiato (2018), o sentimento de fracasso e frustração está presente nas crianças típicas, sendo muito mais forte nas crianças autistas, “porque a comunicação é interrompida.” (Gaiato, 2018, p.75). Nesse caso, o afeto é mais importante para agir e superar as dificuldades (Cunha, 2017). Segundo Cunha (2017), a frustração, juntamente com mudanças de rotina, ansiedade, barulho, incerteza e conflito, é um dos fatores que causam as birras. No contexto escolar, não é importante avaliar essas reações, mas direcionar de forma lúdica a atenção do aluno para a atividade.

Para superar esses comportamentos inadequados, Gaiato (2018) sugere que o ideal é não usar reforços que o alimentem. Depois que a criança entende que chorar faz bem para ela, fica difícil se livrar desse comportamento. Em contraste, o comportamento inadequado diminui porque não tem mais consequências positivas. “É preciso persistência incansável para orientar atitudes e expressar a forma correta de ensinar sentimentos e desejos” (Cunha, 2017, p. 9). Portanto, além de não reforçar comportamentos inadequados, deve-se também ensinar ao aluno comportamentos alternativos, para que ele consiga atingir suficientemente o que deseja (Gaiato, 2018).

Durante as atividades em grupo, o aluno tinha a oportunidade de interagir com seus colegas. Embora nem sempre participasse ativamente das conversas, notei que ele estava atento ao que estava acontecendo ao seu redor. Em alguns momentos, ele sorria e compartilhava breves momentos de comunicação não verbal com seus colegas, como abraços, beijos e carinho.

Com o passar dos tempos tudo foi amenizando, o aluno já seguia uma rotina. Ressaltamos também que se deve levar em consideração que as crianças com TEA se comportam de forma disruptiva, ou seja, seguindo um estilo de vida rotineiro, não querem quebrar a rotina e, ao fazê-lo, ficam confusas e chateadas. Podemos afirmar que a adaptação de uma rotina é fundamental para o desenvolvimento e desempenho escolar de crianças autistas. Ao proporcionar um ambiente estruturado e previsível,

os professores e pais podem ajudar essas crianças a se sentirem mais seguras e confiantes, permitindo que elas explorem todo o seu potencial.

No que se refere aos professores titulares e o processo de inclusão referente às crianças autistas, era perceptível que algumas ainda não sabia lidar com os alunos. Mas empenhavam-se na implementação de aulas dinâmicas com materiais específicos, bem como as atividades lúdicas.

Vygotsky (2007), defende os brinquedos e jogos das crianças como a segunda esfera de atividades que junta os gestos e a linguagem escrita. Os brinquedos ou o ato de brincar agrega significados e desenvolve a linguagem, através de suas representações simbólicas.

Trabalhar com o lúdico é de suma importância para o aprendizado do aluno porque o jogo incentiva novas formas de aprendizado e descoberta. Para o aluno TEA, essa estratégia é necessária para mantê-lo focado e interessado nas atividades da aula. Percebemos que o aluno autista durante as aulas, ficava impaciente e irritado, e nas aulas lúdicas e dinâmicas, ele ficava mais feliz e atento do começo ao fim.

A professora utilizava bastante desenhos e pinturas nas atividades com os alunos, normalmente é o que crianças nessa idade gostam de fazer. No entanto, verificamos que o autista não tinha muita paciência nem interesse para esse tipo de atividade.

Quando isso acontecia, a professora (acompanhante) procurava adaptar as tarefas ou criava uma situação que pudesse despertar o interesse do aluno. Como por exemplo, fazer brinquedo de papel de algo relacionado à atividade ou optava por fazer recorte e colagem.

Acontecimento como esses são desafiadoras para o educador, que deverá partir da criatividade para tornar aula atrativa no ensino do aluno com TEA. Como ressalta Cunha (2017), “precisamos ser pessoas criativas, com habilidades e sensibilidade para transcendermos os problemas de aprendizagem e, de maneira multidisciplinar e interdisciplinar, formar cidadão para a vida” (CUNHA, 2017, p.45).

### 3.2. AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO TRABALHO COM ESTUDANTE AUTISTA

Nosso objetivo com a realização das entrevistas foi analisar de maneira mais minuciosa as estratégias pedagógicas das professoras que atuam na sala com o estudante com TEA. Assim, por meio das entrevistas, foi possível compreender como elas pensam, implementam e avaliam sua prática docente diante dos desafios que surgem no trabalho com alunos autistas em sala de aula. Para isso, primeiramente é necessário conhecer a formação do professor e o tempo de experiência no exercício da função. Essas informações nos ajudam a entender se a formação do sujeito permite o desenvolvimento de estratégias de ensino e instrução que facilitem o processo de ensino de alunos com autismo para alcançar o desenvolvimento cognitivo. Pensando nisso, perguntamos: *qual é a sua formação e tempo de atuação na escola e com alunos com TEA?*

TABELA 1: Formação e tempo de atuação na escola

<b>Professores</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de atuação</b>	<b>Tempo de trabalho com alunos TEA</b>
<b>Valentina</b>	Nível superior em Licenciatura Plena.	29 anos	Tive 2 alunos Tea em anos diferentes 2018 e 2023.
<b>Ana</b>	Graduada em pedagogia e concluído Pós em autismo.	De carteira assinada eu tenho 20 anos e 6 meses.	Somente 7 alunos, entre 2019 e 2023.
<b>Joana (AEE)</b>	Graduada em Pedagogia/concluído o pós em educação especial	2 anos	7 meses

Fonte: Ferreira, 2023.

Na Tabela 1 pode-se observar que 3 três das professoras, 2 duas estão fazendo pós na área da educação especial. Notamos que a professora Valentina, tem 29 anos de trabalho, e não possui curso voltado para a educação especial ou inclusiva, ao conversarmos percebemos uma certa resistência.

Essa resistência, segundo Carneiro (2013), ocorre devido à complexidade de ensinar na perspectiva da diversidade sociais e educacionais, o que exige do professor profissionalização e formação para o desenvolvimento de um trabalho crítico e transformador, tendo em vista as novas realidades vivenciadas na escola. Do ponto de vista da educação inclusiva para alunos com transtorno do espectro autista, a

capacitação dos professores é essencial, dadas as incógnitas e incertezas apresentadas pelo transtorno do espectro autista. Portanto, a escola tem professores acessíveis e bem treinados para atender às necessidades dos alunos com autismo e educação inclusiva.

Durante a conversas com as professoras, uma delas nos informou que tem vários cursos na área acerca do autismo, e que aguardar formações por parte da Secretaria Municipal do Estado do Amazonas (SEMED), e relatou em suas falas que tem bastante experiência pelo fato de ser mãe de um rapaz autista de 22 anos (nível 3), e ter passado por inúmeras situações que o levou a lidar com a prática em sala de aula.

Matos *et al* (2021) afirma que é importante que professores recebam assessoramento técnico, como orientação pedagógica e capacitação. Um educador especializado conhece e compreende os traços e características específicas de um aluno com TEA. Capaz de reconhecer tanto suas habilidades funcionais quanto suas dificuldades e limitações, assim, a formação e capacitação de professores são essenciais para a educação inclusiva de alunos com TEA, considerando as incertezas e incertezas que advêm do transtorno. Isso torna ainda mais difícil e desafiador desenvolver uma prática pedagógica que atenda às necessidades dos alunos.

**Por conseguinte, questionamos:** *Quais os principais desafios que enfrentam no processo de inclusão de alunos autistas em sala de aula*

TABELA 2: Os desafios dos professores no processo de inclusão

<b>Professoras</b>	<b>Desafios</b>
Valentina	Enfrentamos vários desafios, a presença em sala de aula (faltas); carência de jogos.
Ana	Carência de jogos pedagógicos; excesso de aluno numa classe; A ausência da família, carência da parceria com a escola
Joana (AEE)	Lidar com as crises que algumas crianças apresentam em sala de aula; escolher estratégias para melhorar o conhecimento social e as habilidades dessas crianças TEA.

Fonte: Ferreira,2023

Como pode ser observado na Tabela 2, os desafios enfrentados pelos professores são variados. Isso inclui a falta de recursos didáticos, professores, famílias e alunos. Então todos estão envolvidos nesse processo de inclusão dos alunos com TEA. O envolvimento das famílias dos alunos com TEA nas escolas é essencial para a interação dos alunos nas escolas. Segundo Tanaka (2010) A inclusão

pode acontecer com mais efetivação se a família e a escola estiverem em conjunto "parceria".

No entanto, objetivando conhecer as estratégias pedagógicas no trabalho com o aluno com autismo, vamos enfatizar aqui que quando há uma grande quantidade de alunos numa sala, acaba interferindo também no trabalho do professor e no aprendizado dos alunos. Ressaltando que a sala onde ocasionou a pesquisa, tinha 23 alunos.

Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012), algumas queixas dos professores são compreensíveis, pois lidar sozinho com uma sala de aula lotada todos os dias pode levar ao desgaste físico e mental dos profissionais. Além de afetar a qualidade do ensino para toda a turma, isso afeta a atenção especial dada aos alunos TEA.

É notório que, ministrar aula para uma turma com muitos alunos sob uma perspectiva inclusiva é ainda mais complicado, e afeta o ensino e a aprendizagem. Principalmente quando há alunos em processo de inclusão. Esses problemas e a falta de preparo do professor podem resultar em aulas superficiais, estressantes e insatisfatórias tanto para alunos quanto para professores. No entanto, nossas observações mostram que os professores dão uma contribuição importante para seus alunos. Mas é claro que a estrutura da sala e o número de alunos vão complicar a aula e acabar afetando os resultados esperados.

Outros desafios citados pelas professoras Ana e Valentina são a falta de jogos pedagógicos, sabemos que os jogos educativos são um ótimo recurso para os professores utilizarem no processo de ensino e aprendizagem, pois além de contribuir e enriquecer o desenvolvimento intelectual e social das crianças, também promovem um relacionamento entre os alunos.

Os Jogos educativos estão incluídos no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI), uma função importante da atividade pedagógica, que funciona como um recurso didático, promovendo o desenvolvimento, o ensino e a aprendizagem.

Segundo Macedo (2007) os jogos são importantes na vida das crianças, agora e no futuro. As atividades lúdicas são importantes para o desenvolvimento infantil porque hoje as crianças precisam de brincadeiras, espaço e tempo para pensar e se adaptar. Por meio de jogos, as crianças desenvolvem aspectos sociais e cognitivos que lhes serão úteis no futuro

Para Piaget (1978) os jogos não são apenas uma forma de entreter ou gastar a energia das crianças, mas sim meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual e que podem contribuir significativamente para o processo de ensino-aprendizagem e no processo de socialização das crianças.

No contexto da educação inclusiva, existem inúmeras opções, recursos simples e baratos que podem e devem ser disponibilizados em salas de aula inclusivas e que podem ser facilmente acessíveis e adaptáveis, às vezes construídas por seus próprios professores. É importante entender que todos os recursos que uma escola pode fornecer aos alunos com TEA podem proporcionar oportunidades de aprendizado que ajudam a superar as dificuldades de comunicação e socialização e acelerar o desenvolvimento do aluno.

Tendo em vista os desafios apontados, perguntamos: *Que estratégias pedagógicas você utiliza para promover a inclusão e a aprendizagem de tais alunos em sua sala de aula?*

TABELA 3: As estratégias pedagógicas das professoras em sala de aula.

<b>Professoras</b>	<b>Estratégias</b>
<b>Ana</b>	Ultimamente estamos trabalhando com jogos matemáticos, como números, contagem, formas geométricas, como jogos de vogais, letras do alfabeto, palavras.
<b>Valentina</b>	Eu acredito que quase tudo que se utiliza de metodologia e prática com alunos ditos normais em sala de aula, pode ser adaptado também aos alunos autistas. Ainda, o uso de várias músicas e brincadeiras envolvendo determinados conteúdos, ajuda não só na inclusão, bem como na aprendizagem das crianças neurotípica. Procuo sempre deixá-lo à vontade; saber os gostos do aluno para trabalhar conteúdo de acordo com o que eles gostam
<b>Joana (AEE)</b>	Brincadeiras, jogos, dramatizações, massa de modelar, alfabeto móvel, bloco de encaixe, canudinhos, palitos de picolé.

Fonte: Ferreira, 2023.

Conforme a Tabela 3, os professores usam como estratégia os jogos, brincadeiras, músicas e materiais concretos, como um meio para promover a comunicação coletiva dos alunos. Além da abordagem lúdica, o que nos chama a atenção, foi o fato de priorizar o interesse dos alunos. Essa é uma estratégia altamente recomendada para o ensino de todas as crianças nas escolas, principalmente aquelas com TEA, pois além de facilitar o ensino e a aprendizagem, torna-as protagonistas de seu próprio conhecimento.

De acordo com Cunha (2017), priorizar os alunos significa escolher atividades adequadas e flexíveis para encontrar com base em suas necessidades de aprendizagem. Nesse movimento, os alunos passam a contribuir decisivamente com o conteúdo da prática educativa e sua aplicação.

Sendo assim, percebemos que a professora Valentina, sabe a importância de desenvolver um trabalho pedagógico, no qual não é o aluno que tem que se adequar ao ensino do professor, mas sim o professor que deve adequar-se à realidade do aluno. Pensar por essa perspectiva é pensar em inclusão.

Segundo Guerra (2018) essa é a porta de acesso do professor ao mundo do aluno TEA, o que possibilita a construção de estratégias pedagógicas voltadas para ele. Dessa forma, o estudante passa a ter participação direta na adaptação curricular dos conteúdos, que por sua vez, deverá ser pensado para o grupo, no qual os professores deverão avaliar as condições dos ajustes, visando favorecer o aprendizado da turma toda (Guerra, 2021).

A estratégia da professora Valentina demonstra que isso é importante para ela, buscar conhecer seu aluno, criando estratégias, coloca-o no centro do processo do seu ensino, valoriza o seu conhecimento prévio. Pois a aprendizagem só será efetiva se as metodologias e estratégias educativas partirem do conhecimento de como as crianças aprendem.

Como podemos observar na tabela, a professora Ana e Valentina usam como estratégias a ludicidade, utilizando jogos, brincadeiras e outros recursos concretos utilizados para que o aluno TEA possa ter um bom aprendizado.

As aulas a partir da ludicidade promovem a aprendizagem para todos, pois este tipo de metodologia corresponde ao nível de desenvolvimento cognitivo das crianças preconizado por Piaget. Considerando a idade dos alunos, percebe-se que eles se encontram na fase pré-operacional (entre 2 e 7 anos). Segundo Piaget, é um período em que as estruturas cognitivas são formadas por meio de símbolos como linguagem, jogos simbólicos, imitação etc. Ou seja, as crianças aprendem melhor por meio de símbolos, sinais, figuras e palavras, principalmente por meio da brincadeira.

No entanto, requer uma compreensão dos tipos de recursos utilizados e do impacto de seu uso nas práticas de aprendizagem em sala de aula. Isso porque, segundo Cunha (2020), nem tudo que aparece como recurso de aprendizagem, é recurso pedagógico. É importante saber o objetivo dos jogos, se ele corresponde ao conteúdo de aprendizagem e como pode afetar o aprendizado dos alunos.

Durante a pesquisa na sala da professora Ana, observamos no decorrer das aplicações dos primeiros jogos de matemática, a inquietação e dificuldade do aluno autista em focar no jogo a ele apresentado. Após repetidas apresentações, começa a atrair a atenção do aluno e o estimula a aprender, ou seja, o aprendizado de um aluno autista por meio de jogos exige paciência e exigência do professor.

Segundo Cunha (2016), pessoas autistas podem ter dificuldade de compreender a linguagem simbólica. Este fator pode ser definido como um limite durante o jogo. Nessa situação, o professor deve intervir e direcionar a atividade, mostrando ao aluno como explorar o jogo.

Ao aplicar o jogo das formas geométricas, observou-se que despertou mais interesse e começou a desenvolver a compreensão das formas (triângulos - retângulos - círculos e quadrados), que combinam cores e contam o número de peças, ou seja, com o auxílio deste jogo, autismo. Aluno mostrou mais habilidades de desenvolvimento e memorização e quantidades,

Segundo Matos (2021), a neuroplasticidade, que também é definida como a capacidade de reorganizar e alterar a estrutura do cérebro com a ajuda de estímulos do ambiente externo, acredita que a função cerebral de um paciente com TEA pode ser desenvolvida e melhorada pela experiência, levando em conta, principalmente, os sentidos sensoriais.

Cada pessoa com autismo tem necessidades diferentes, por isso é importante encontrar as melhores opções de intervenção individualmente, claro, sempre buscando profissionais capacitados e intervenções baseadas em evidências científicas. No entanto, o lúdico ajuda a criança autista a se desenvolver de maneira mais divertida e envolvente por meio de atividades e jogos divertidos.

Dessa forma, cabe aos profissionais e adultos envolvidos no processo de desenvolvimento da criança traçar estratégias que permitam a exposição a situações que estimulem o desenvolvimento da cognição e de habilidades comunicativas e socioemocionais. Brincadeiras que motivem a criação de histórias, a formulação de novas ideias que convoquem a criança a resolver conflitos e proporciona o exercício da capacidade imaginativa. Além disso, a rigidez de pensamento que muitas vezes está presente em crianças diagnosticadas com TEA pode ser trabalhada encontrando novas estratégias que priorizem as brincadeiras. O aprendizado da auto regulação, da flexibilização do pensamento e da resiliência diante de situações que demandem a capacidade de adaptação.

Tendo em vista as estratégias apontadas perguntamos: *Que medidas podem ser tomadas para melhorar o atendimento e a inclusão dos alunos autistas na escola que você trabalha:*

TABELA 4: Quais ações podem ser realizadas para melhorar o atendimento e a inclusão dos alunos TEA

<b>Professoras</b>	<b>Ações</b>
<b>Valentina</b>	Palestras para a comunidade escolar e as rodas de conversa entre pais e professores sobre a inclusão/cursos de capacitação para demais funcionários administrativos como o Inspetor de aluno, merendeiras e secretárias, pois dessa forma a escola como um todo estaria preparada para atender as crianças com autismo. Entre outros recursos de suma importância ao espaço da escola como uma brinquedoteca e laboratório de informática.
<b>Joana(AEE)</b>	Para melhorar o atendimento, seria necessário mais recursos didático e tecnológicos para dar o suporte necessário para o atender as crianças.

Fonte: Ferreira, 2023.

No que tange a tabela 4, os professores sugerem as possíveis medidas que podem ser realizadas para uma possível inclusão, como a roda de conversa, capacitação e recurso didáticos e tecnológico.

As Rodas de conversas permitem que a comunidade escolar compartilhe experiências, esclareça dúvidas e aprenda mais sobre o TEA. Isso pode reduzir estigmas e mitos associados ao autismo. Capacitando todos os funcionários da escola, desde professores a funcionários que ali se estabelecem, garante-se que a abordagem à inclusão seja holística. Assim todos estarão melhor preparados para interagir e apoiar estudantes com TEA.

Uma roda de conversa é um método que permite a um grupo específico entender ou explorar o significado de uma questão humana ou social (Creswell, 2010). Segundo Afonso (2009), as rodas de conversa são um método participativo que funciona de forma a estimular a participação e a reflexão. Esses diálogos oferecem oportunidades de construção e reconstrução da realidade por meio de ações pedagógicas reflexivas, fala e escuta, e por meio da discussão e participação. Por meio da exposição a outros contextos vividos, diferentes realidades e novas interações, os sujeitos têm a oportunidade de ressignificar temas já discutidos (Afonso 2009). Podemos afirmar que, a rodas de conversas também podem servir como uma

plataforma para pais de crianças com TEA compartilharem suas experiências, desafios e sucessos. Isso pode fortalecer a parceria entre escola e família.

Quando a comunidade escolar está informada e capacitada, cria-se um ambiente mais acolhedor para todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou desafios. A capacitação pode ajudar os educadores a entenderem melhor como fazer adaptações curriculares ou de ambiente que beneficiem os estudantes com TEA.

Segundo Alves (2009) relata que para que aconteça a educação inclusiva.

O importante não é só capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários da escola, já que o aluno não estará apenas dentro de sala de aula. [...] Alguém tem por obrigação treinar estes profissionais. Não adiante cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação deste indivíduo na escola. Esta preparação, com todos os profissionais serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas (ALVES, 2009, p.45,46).

Portanto, o sucesso da educação especial nas escolas comuns depende da integração de toda a comunidade escolar, cujas atitudes irão impactar os alunos envolvidos. A inclusão efetiva pode ajudar crianças com TEA a desenvolverem habilidades sociais e emocionais interagindo com seus colegas. Ao promover rodas de conversas e capacitações, as escolas estarão dando passos significativos para garantir que todas as crianças, incluindo aquelas com TEA, tenham acesso a uma educação de qualidade em um ambiente acolhedor e inclusivo.

Observamos que as professoras citam também os recursos tecnológicos, como forma de inclusão, certamente, os recursos didáticos e tecnológicos têm um papel fundamental na inclusão de crianças autistas no ambiente educacional e social.

A tecnologia pode ajudar crianças autistas a aprender a desenvolver linguagem social e habilidades de conversação que ajudam na interação social e no ambiente escolar. A tecnologia é fundamental e motivadora. Mas sozinho não pode reconhecer ou desenvolver habilidades, por isso a intervenção de um especialista qualificado é necessária para que a criança não perca o foco em aulas em ambiente escolar (ALVES; MESQUITA; MACEDO, 2012).

Existem muitos aplicativos e softwares projetados para ajudar crianças com autismo a melhorar habilidades sociais, linguísticas e cognitivas. Alguns destes aplicativos usam a gamificação para tornar o aprendizado divertido e envolvente. Para

crianças autistas não verbais ou com dificuldade de comunicação, dispositivos como tablets podem ser equipados com programas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Estes programas permitem que as crianças se comuniquem por meio de imagens, símbolos e/ou texto. O uso de tabelas, gráficos, imagens e vídeos pode ser muito útil para crianças autistas, já que muitas delas são aprendizes visuais. Alguns recursos didáticos aproveitam a música e os sons para ajudar crianças autistas no desenvolvimento de habilidades linguísticas e sociais. Tecnologias adaptativas, como teclados especiais, mouses adaptados ou software de leitura de tela, podem ser usados para atender às necessidades individuais de cada criança. Como Oliveira e Moura (2015) afirma que,

A tecnologia é uma realidade que traz inúmeros benefícios e, quando incorporada ao processo de ensino-aprendizagem, proporciona novas formas de ensinar e, principalmente, de aprender, em um momento no qual a cultura e os valores da sociedade estão mudando, exigindo novas formas de acesso ao conhecimento e cidadãos críticos, criativos, competentes e dinâmicos (p. 18).

Muitos recursos tecnológicos oferecem feedback imediato, o que pode ser valioso para crianças autistas que se beneficiam de reforço positivo rápido. Tecnologias como fones de ouvido com cancelamento de ruído podem ajudar crianças autistas que são sensíveis a estímulos auditivos, criando um ambiente de aprendizado mais controlado e confortável. Ao incorporar esses recursos no ambiente educacional, professores e pais podem ajudar a criar uma experiência de aprendizado mais inclusiva e eficaz para crianças autistas. No entanto, é importante lembrar que cada criança é única e o que funciona para uma pode não funcionar para outra. Assim, a personalização e a flexibilidade são chave para garantir o sucesso.

Tendo em vista as medidas que podem ser realizadas para que a inclusão seja efetiva, perguntamos: *Como você avalia as estratégias pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem de alunos com TEA em salas de aula.*

TABELA 5: Avaliação da prática pedagógica das professoras

Professoras	Avaliação das estratégias
Ana	Avalio como boa, é necessário muitas pesquisas e estudo. Percebo que meu trabalho está sendo bem desenvolvido. De

	maneira tranquila e seguindo a rotina tudo flui perfeitamente”.
Valentina	Boa, ele consegue interagir e participar. Ele já consegue assimilar os conteúdos repassados.
Joana (AEE)	Boa, tendo em vista que segui todo o roteiro estabelecido para atender o aluno com tea, pude desenvolver estratégias de intervenção numa perspectiva inclusiva.

Fonte: Ferreira, 2023.

De acordo com a Tabela 5, os professores, em geral, avaliam suas práticas pedagógicas como boas. Assim, iniciamos a análise com a avaliação de Ana, sobre suas próprias atividades, que enfatiza a necessidade de aperfeiçoamento, o que leva a um bom desenvolvimento de sua estratégia pedagógica.

Segundo Freire (2006, p.29), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Dessa forma, Freire mostra que, ao ensinar, o professor deve sempre buscar formas de garantir o que é aprendido e ensinado.

A busca pelo aperfeiçoamento contínuo requer abandonar preconceitos e vivenciar o novo, o diferente, a partir do entendimento de que a busca constante pelo conhecimento é necessária devido à imperfeição natural de cada pessoa na vida. Incluindo o professor. E em uma escola inclusiva é necessária uma educação adequada e aprendizagem contínua devido à diversidade da escola atual.

Paulo Freire (2006) acredita na necessidade de reflexão crítica constante da prática educativa e aconselha a não se tornar excessivamente confiante, pois qualquer novo conhecimento pode superar o existente.

Embora a professora não tivesse um curso especial sobre inclusão, ela reconheceu que precisava de desenvolvimento profissional para melhor abordar o ensino e a aprendizagem de alunos com TEA. Ele avaliou sua prática pedagógica atentando para a importância do aprendizado contínuo e pensando em proporcionar um trabalho pedagógico adequado para todos os seus alunos. Mesmo que a professora queira se desenvolver por meio de uma educação alternativa, é necessário um curso de formação especial para aprofundar os conhecimentos existentes para garantir competência e preparo adequado para a docência.

Pelo bom desempenho do aluno autista em sala de aula, a professora avaliou sua estratégia pedagógica como boa. “Boa, o aluno consegue interagir e participar. Ele já consegue assimilar os conteúdos repassados” (PROFESSORA VALENTINA).

Segundo Machado (2005, p. 02);

A formação da prática se processa a partir da vontade de participar e cooperar com o outro". Um bom professor é aquele que está disposto a mudanças, é preciso ler e refletir sobre a própria prática, para que o professor possa avaliar constantemente o seu próprio desempenho, o que lhe permite decidir qual a melhor forma de intervir no trabalho pedagógico.

Pensar na prática significa refletir sobre o que acontece em sala de aula e tomar decisões que melhor orientem a aprendizagem dos alunos (ZANATA; CAPELLINI, 2013). A professora Joana (AEE), avaliou sua prática com base nas reflexões de intervenção desenvolvidas com aluno autista. *"Boa, tendo em vista que segui todo o roteiro estabelecido para atender o aluno com tea, pude desenvolver estratégias de intervenção numa perspectiva inclusiva"*

Segundo Gadotti (2003), "a escola deve buscar professores competentes para atividades onde ele sempre possa mudar sua prática de ensino, promovendo resultados positivos."

Assim, a avaliação da prática educativa do professor envolve ações, reflexões e movimentos comportamentais na própria prática do professor que confirmam se as estratégias desenhadas para a intervenção estão de acordo com as expectativas de enfrentamento das crianças.

Para Zanata e Capellini, (2013), problematizar a prática significa ser dedicado quanto às proposições que realiza em sala de aula, refletindo sobre elas e considerando as aprendizagens construídas pelos alunos.

Entende-se que o valor da formação continuada e especial do professor está no fato de que seu trabalho pedagógico surtiu efeito satisfatório na aprendizagem dos alunos e em relação à ida à escola e superação das dificuldades relacionadas ao autismo.

No geral, os professores fazem um bom trabalho ajudando os alunos autista. Mesmo que não alguns não possuam as certificações exigidas, a parceria, o empenho em buscar o conhecimento na área de uma forma diferente e a experiência na área parecem refletir um resultado positivo do ensino e aprendizagem dos alunos. No entanto, deve-se ressaltar a importância da formação inicial e contínua em uma determinada área de atuação. Tendo em vista as necessidades crescentes no ambiente escolar e questões de inclusão. Só com uma preparação adequada e uma

atitude crítica face à sua prática docente é que os professores podem fazer um trabalho significativo nos diversos contextos da escola. Assim, para formar o aluno autista na educação inclusiva, é necessário colocá-lo no centro das atividades educativas, a fim de estimular o desenvolvimento de suas competências e habilidades de aprendizagem. Tanto o conhecimento profissional quanto o conhecimento duradouro estão todos no desenvolvimento e reprocessamento da prática pedagógica dos professores, porque promovem a relação entre teoria e prática.

Em suma, as professoras vêm promovendo a inclusão, desempenhando um papel fundamental nesse processo, pois tiveram capacidade de criar um ambiente acolhedor e adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas de cada aluno.

## CONSIDERAÇÕES

Em virtude das considerações teóricas sobre o autismo, as práticas educativas dos professores e os desafios em ambientes escolares inclusivos, e a análise da coleta de dados, foi possível construir novas considerações sobre a prática educativa na perspectiva dos alunos com TEA.

A análise dos resultados do estudo forneceu uma resposta clara ao objetivo geral deste estudo, que era analisar as estratégias de ensino de professores que trabalham com alunos autistas em salas de aula. Isso nos permitiu conhecer como os professores trabalhavam com os alunos, foi possível verificar o comportamento do aluno com autismo diante das aulas ministradas e os desafios que os professores enfrentam ao longo do caminho.

Com base nesta pesquisa, descobrimos que há uma escassez de professores preparados para apoiar alunos com TEA em ambientes escolares inclusivos. Sendo este um dos maiores desafios na educação da diversidade. A pesquisa com os professores revelou que estavam em processo de formação na área de especialização inclusiva e a outra professora não tinha nenhum curso na área.

No entanto, notamos os esforços da professora para fornecer ao aluno uma educação adequada e abrangente. As estratégias instrucionais mais utilizadas pelos professores são aulas para garantir a participação de todos os alunos e atividades lúdicas baseadas em jogos e brincadeiras. Essas estratégias têm valor na construção do conhecimento, desenvolvimento de habilidades psicomotoras e socialização essenciais na aprendizagem de alunos com TEA, além de promover a aquisição de autonomia, independência e regras de conduta.

É preciso mencionar a importância de parcerias entre professores titulares e professores de apoio profissional que dão uma contribuição significativa para a tarefa pedagógica de adaptar o conteúdo da aula de uma forma que beneficie todos os alunos. Dando ao aluno condições de se desenvolver cognitivamente e socialmente.

É oportuno enfatizar a necessidade de formação profissional dos professores que atuam cotidianamente nas escolas, pois sem o conhecimento específico, o ensino fica sem direção. Porém, o conhecimento específico por si só não garante uma boa educação, precisa se aliar a prática do professor para o desenvolvimento de estratégias educativas que atendam às necessidades de todos os alunos. Isso

também exige que os professores mobilizem ação, reflexão e ação em sua própria prática por meio da mudança das condições escolares.

A variedade de recursos e métodos disponíveis, quando utilizados adequadamente, podem ter um impacto positivo e progressivo na vida dos alunos com autismo em sala de aula. Os professores precisam saber o que esperam de seus alunos, ou seja, que valor suas sugestões têm para o desenvolvimento deles. Como o TEA é conhecido por ter uma singularidade, as intervenções são eficazes apenas quando se concentram nas reais necessidades, situações e realidades do aluno.

Para ajudar os alunos com transtorno do autismo a desenvolver suas habilidades acadêmicas e funcionais, é importante colocá-los no centro de seu conhecimento como agentes ativos no processo. Diante desta pesquisa, podemos perceber que, na perspectiva dos alunos com TEA, as estratégias pedagógicas dos professores não podem ser dissociadas dos demais alunos que participam da aula, porque o objetivo é incluir esse aluno nas atividades de classe e nas interações sociais.

A estratégia pedagógica dos professores que trabalham com alunos com TEA deve, portanto, estar pautada na relação entre o conhecimento teórico e a prática em sala de aula, com propostas pedagógicas adequadas e devem ser incluídas para que ele aprenda junto.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm) Acesso em: 17 de agosto de 2022.

A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: TEORIA E PRÁTICA: Disponível em [A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO: \(uffs.edu.br\)](http://www.uffs.edu.br). Acesso em 22 de julho de 2023.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas.** Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMA 2015).

ALVES F. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio.** Rio de Janeiro, WAK EDITORA, 2009.

ALVES, Clauder. Lorena.; MESQUITA, Edson; MACEDO Micaella. A atuação do psicólogo diante do uso das novas tecnologias em educação no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência intelectual do ensino fundamental. [2012]. Disponível em [Novas Tecnologias em Educação. \(micaellapsi.blogspot.com\)](http://www.micaellapsi.blogspot.com) Acesso em 23 de julho de 2023

APA, 2002. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** 4. ed. Texto Revisado. DSM-IV-TR. Porto Alegre: Artmed.

Artigo 59 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996: Disponível em [Art. 59 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 | Jusbrasil](http://www.jusbrasil.com.br/artigo/59-da-lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96) acesso em 23 de julho de 2023

ASSUMPCÃO JR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 37-39, 2000.

ATOS, Maria S. P.B *et al.* Transtorno do espectro Autista (TEA): Desafios e possibilidades a partir das contribuições da neuroeducação. . *In:* SOUZA, Rita de Cácia Santos (org). **A neuroeducação e a neurociência: tecendo saberes e otimizando práticas inclusivas.** Aracaju. ES: Criação, 2021.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s47-s53, 2006.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB.** 9394/1996.

CAMARGO, S P; BOSA, C A. Competência social, inclusão escolar e autismo: Um estudo de caso comparativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.28, n.3, p.315-324, 2012.

CAMARGO, Sígilia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 65-74, 2009.

CARNEIRO. Relma Urel Carbone. Formações de professores da Educação Especial Inclusiva: alguns apontamentos. *In:* ZANIOLO, Leandro Osni. DALL'ACQUA, Maria Júlia C. **Inclusão escolar: pesquisando políticas públicas, formação de professores e práticas pedagógicas.** EBook. Jundiaí, SP: Paco, 2013.

CAVACO, Nora. Como agir com a criança autista: estratégias e recursos para a intervenção de pais e professores. *In*: METRING, Roberte; SAMPAIO, Simara (org). **Neuropsicopedagogia e aprendizagem**. ed. 03. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

COSTA, Dóris Anita Freire. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 23, n. 72, p. 232-240, 2006.

COSTA, Dóris Anita Freire. **Superando limites**: Rev. Psicopedagogia 2006; 23(72):232-40.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia prática educativa na escola e na família**. 5º Ed. RJ: Wak ed, 2014.

CUNHA, E. **Autismo na Escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. ed. 6. Rio de Janeiro: Wak ed, 2020.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

Declaração de Salamanca: Disponível em [B. Fatores Escolares \(pcdlegal.com.br\)](http://B.Fatores Escolares (pcdlegal.com.br)) Acesso em 29 de julho de 2023

DSM-V Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais(2013):Disponível em [Instituto Autismo e Vida: Definição](http://Instituto Autismo e Vida: Definição) Acesso em 12 de dezembro de 2022.

Estudo de caso: Disponível em [Microsoft Word - Lavilha Cap 4.doc \(puc-rio.br\)](http://Microsoft Word - Lavilha Cap 4.doc (puc-rio.br)) acesso em 22 de julho de 2023

Fadda, G. M., & Cury, V. E. (2016). O ENIGMA DO AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES SOBRE A ETIOLOGIA DO TRANSTORNO. *Psicologia Em Estudo*, 21(3), 411-423.

FONSECA, Maildson Araújo. **O ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E A INCLUSÃO DE ALUNO COM TEA**: Interações Possíveis E Necessárias Com A Sala De Recursos Multifuncionais. / MAILDSON ARAÚJO FONSECA. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 184 f., pdf). -- 2002.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, p. 534-551, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GADIA, Carlos. Aprendizagem e autismo. **Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, p. 423-433, 2006.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007

GUERRA, Simone Maia. **Estou aqui! o autismo na escola**. Curitiba: Appris, 2021.

HECK, Giomar Maria Poletto; BATTISTI, Aline Vasconcelos. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica**: teoria e prática. 2015.

<https://autismoerealidade.org.br/2019/05/25/mms-ou-cds-o-perigo-das-curas-milagrosas/> (acesso em: 26/07/2021)

<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v21i3.30709>

<https://institutoneurosaber.com.br/dsm-5-e-o-diagnostico-no-tea/> (acesso em: 26/07/2021)

HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem**: ideias para trabalhar com dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC. Trad.:Guilherme Summa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi. Eva Maria Lakatos. ed, 5. São Paulo: Atlas, 2003

LEON, Viviane Costa de. Práticas baseadas em experiências para aplicação do TEACCH nos Transtornos do Espectro do Autismo. **São Paulo: Memmon**, 2016.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: E.P.U, 2015.

MACEDO, L. (2007) Ensaios Pedagógicos: como construir uma escola para todos? Porto Alegre, Artmed, 2007.

MATOS, Selma Norberto; MENDES, Enicéia Gonçalves. A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação das políticas educacionais. **Práxis educacional**, v. 10, n. 16, p. 35-59, 2014.

MATTOS Michele Morgane de Melo *et al.* A mediação pedagógica como recurso para a inclusão de criança com TEA: uma perspectiva histórico-cultural. . In: SOUZA, Rita de Cácia Santos (org). **A neuroeducação e a neurociência: tecendo saberes e otimizando práticas inclusivas**. Aracaju. ES: Criação, 2021.

Metodo TEACCH: Disponível em [A Incluso da Estrutura TEACCH na Educao Bsica \(aacademica.org\)](http://A>Incluso da Estrutura TEACCH na Educao Bsica (aacademica.org)) acesso dia 24 de abril de 2023

MÓNICO, Lisete et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ 2017**, v. 3, 2017.

OLIVEIRA, Cláudio de; MOURA, Samuel Pedrosa. TIC'S na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. *Pedagogia em ação*, v. 7, n. 1, 2015.

ORRÚ, Ester Sílvia. Contribuciones del abordaje histórico-cultural a la educación de alumnos autistas. **Humanidades Médicas**, v. 10, n. 3, p. 1-14, 2010

PEREIRA, Edgar de Gonçalves. **Autismo: do conceito à pessoa**. Secretariado Nacional de Reabilitação, 1996.

Piaget, J. (1978). A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo, sonho, imagem e representação (3rd ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

PILONI, Thiago. Lei Berenice Piana e o acompanhante especializado Conteudo Juridico, Brasilia-DF: 18 abr 2015, 04:45. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/44050/lei-berenice-piana-e-o-acompanhante-especializado>. Acesso em: 12 abril 2023.

PILONI, Thiago. Lei Berenice Piana e o acompanhante especializado Conteudo Juridico, Brasilia-DF: 18 abr 2015, 04:45.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANT'ANA, W.; SANTOS, C. A LEI BERENICE PIANA E O DIREITO À EDUCAÇÃO DOS INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO BRASIL. **Revista Temporis[ação] (ISSN 2317-5516)**, v. 15, n. 2, p. 99-114, 30 jan. 2016.

São Paulo: Atlas, 1991. 270 p. **LAKATOS**, Eva Maria; **MARCONI**, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista brasileira de educação**, v. 14, p. 143-155, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. ed. 24 São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 2012.

SILVA, Fabiana de Lima da; FRANÇA, Aurenia Pereira de; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. **Educação Inclusiva**: Id on Line Rev.Multi. Psic., dezembro/2019, vol.13, n.48, p. 748-762. ISSN: 1981-1179.

TAMANAH, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, p. 296-299, 2008.

TANAKA, L. M. Contos de fadas frente à Inclusão Escolar: A construção da imagem simbólica coletiva. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M.Books do Brasil, 2015.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e método/ Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi – 2.ed – Porto Alegre: Bookman, 2021.

ZANATA, Eliana Marques. CAPELLINI Vera Lúcia. M.F. Instrumentalização do professor e colaborador: uma parceria inclusiva. *In*: ZANIOLO, Leandro Osni.